



Quilombolas de Mata Cavalo: ressignificando a escola, a cultura e a natureza

Mata Cavalo Quilombolas: resignifying school, culture and nature

Cristiane Carolina de Almeida Soares¹
<https://orcid.org/0000-0003-4359-9829>

Regina Aparecida da Silva²
<https://orcid.org/0000-0002-2207-8437>

Michèle Sato (in memoriam)³
<https://orcid.org/0000-0001-9834-4642>

Resumo: No quilombo de Mata Cavalo, comunidades lutam pela preservação de sua identidade e conquista definitiva de seu território, onde resistem à margem da sociedade. Vitimados pelo poder hegemônico das políticas excludentes, permanecem enfrentando invasões de fazendeiros, perdendo meios de subsistência para as monoculturas do agronegócio, para a poluição dos rios e outros prejuízos ambientais que desencadearam o colapso climático atual. Enfrentaram a COVID-19 com atraso às vacinas, sofreram para se manterem em isolamento social e garantir condições de sobrevivência, pois sua força para resistir aos embates socioambientais sempre esteve fundamentada na articulação coletiva. Mesmo após o retorno às atividades presenciais, a evasão escolar foi significativa e muitos estudantes optaram por garantir a renda familiar, abandonando a escola. Após um período de grandes dificuldades em acessar os estudos, estes jovens têm enfrentado desafios na adaptação ao “novo ensino médio”, mesmo com a implantação de disciplinas eletivas relacionadas à cultura quilombola. A metodologia investigativa foi o Mapa Social, estimulando narrativas coletivas e individuais. Em meio à preservação da natureza como tática de resistência, este povo permanece resistindo com sua cultura ancestral na escola e arredores, legitimando o desejo por visibilidade e dias melhores.

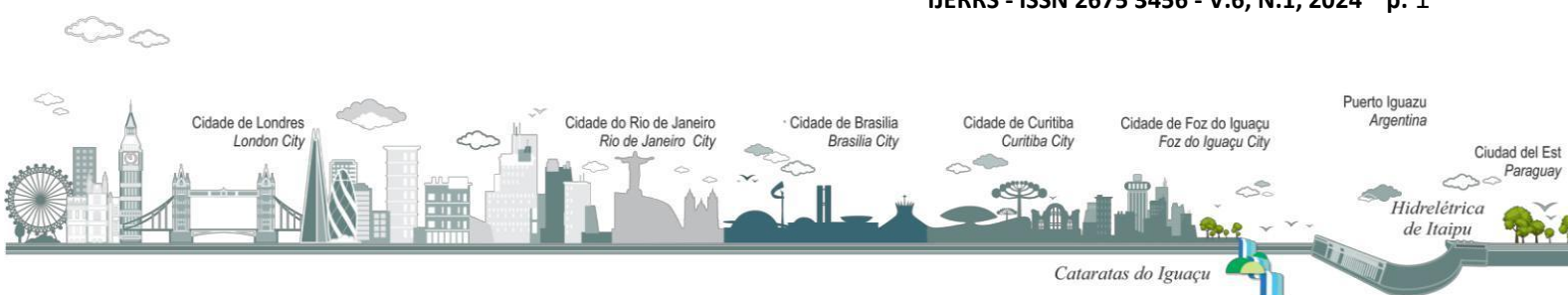
Palavras-Chave: Quilombo de Mata Cavalo; Colapso climático; Mapa Social; Cultura. Natureza.

Abstract: In the Mata Cavalo quilombo, communities fight to preserve their identity and definitively conquer their territory, where they resist on the margins of society. Victimized by hegemonic power of exclusionary public policies, they continue to face farmers' invasions, losing means of subsistence to agribusiness monocultures, river pollution and other environmental damage which triggered the current climate collapse. They faced the COVID-19 pandemic with immunization delays, suffering to maintain themselves in social isolation and ensure survival conditions, since their strength to resist socio-environmental conflicts was always based on collective articulation. Even after the return to face-to-face activities, school dropout rates were significant and many students chose to guarantee family income by leaving school. After a period of great difficulties in accessing education, these young students have faced challenges to adapt to the new secondary school, even with the implementation of elective subjects related to the Quilombola culture. The investigative methodology was the Social Map, encouraging collective and individual narratives. Amid nature preservation as a resistance strategy, this

¹ Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá, e-mail: pedrapapeletesoura@gmail.com.

² Universidade Federal de Rondonópolis, e-mail: rasbio@gmail.com

³ Universidade Federal de Mato Grosso, e-mail: michelesato@gmail.com





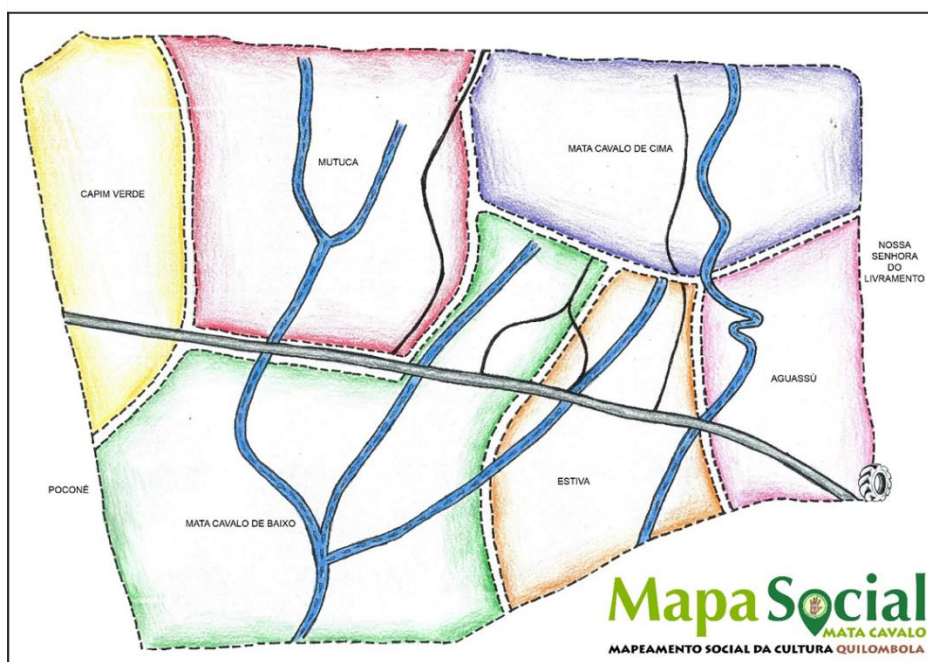
group continues to resist with their ancestral culture in schools and surrounding areas, legitimizing the desire for visibility and better days.

Key Words: Mata Cavalo quilombo; Climate collapse; Social Map; Culture; Nature.

INTRODUÇÃO

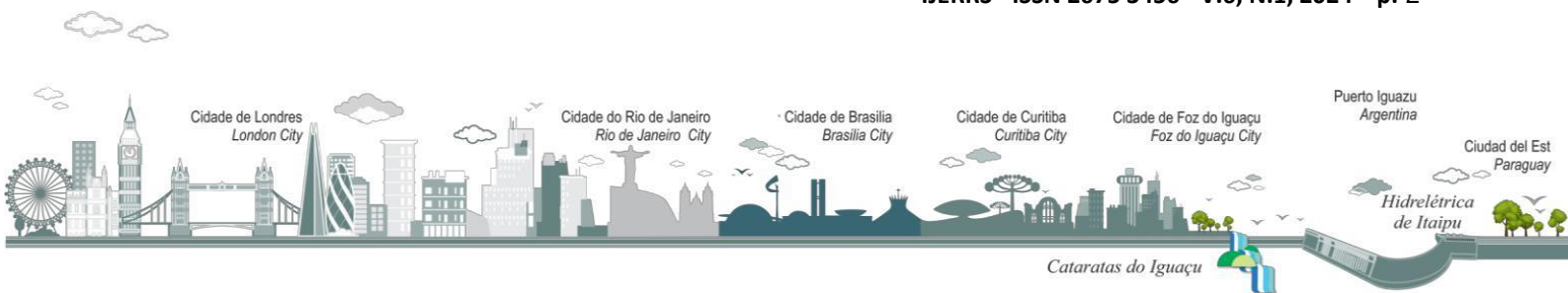
Em seus estudos, Barros (2007) descreve a formação do Complexo Boa Vida Mata Cavalo em uma formação que deu origem a seis associações da área total que atualmente compreendemos como Quilombo de Mata Cavalo: Ponte da Estiva, Mata Cavalo de Baixo, Mata Cavalo de Cima, Mutuca, Aguassú e Capim Verde (Figura 1). Embora sejam áreas unificadas que se constituem em uma área quilombola comum, as associações se formaram de formas distintas.

Figura 1 – Mapa pictórico do Quilombo de Mata Cavalo



Fonte: Arte de Cristiane C. A. Soares (2017).

Para contextualizarmos as temáticas propostas neste artigo, inicialmente faremos um percurso que compreenderá a importância do ensino escolarizado e suas relações indissociáveis entre a cultura, a natureza e a mobilização política, para o acesso e permanência dos quilombolas de Mata Cavalo, em seu território de direito.





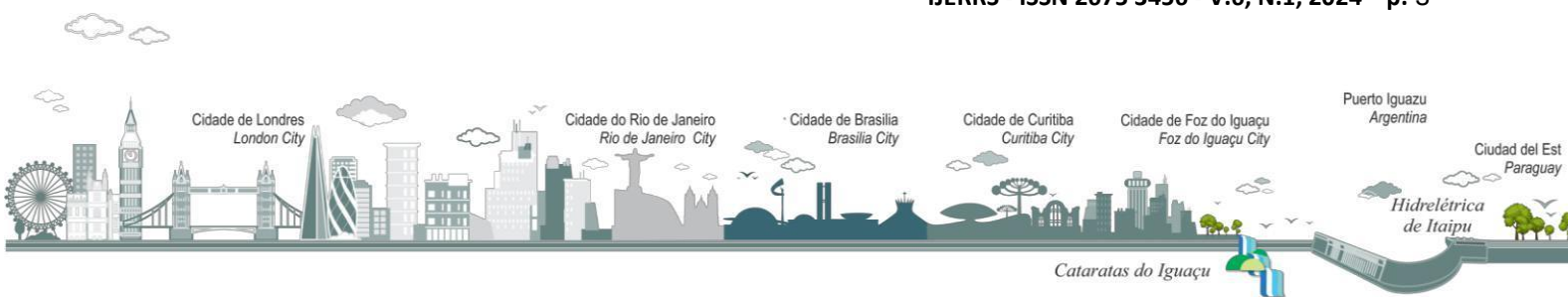
Parte das informações recolhidas nesta comunidade, e alguns referenciais teóricos apresentadas neste texto, começaram a ser acessados no ano de 2017, na ocasião em que as autoras realizaram diálogos fecundos nesta região, para a elaboração de uma dissertação de Mestrado. No entanto, as pesquisadoras permaneceram em contato frequente com a comunidade até o ano de 2022, acompanhando notícias e eventos, pois os conflitos socioambientais ainda fazem parte do cotidiano destas pessoas, e as dificuldades se intensificaram no período da pandemia, no ano de 2020.

Conforme Barros (2007) e Simione (2008), na década de 80 do século XIX se constituiu a comunidade rural negra de Mata Cavalo, por meio da doação de dona Anna da Silva Tavares, aos seus trinta e quatro escravos, ratificando o testamento de Leopoldino Alves da Costa (seu falecido esposo). A região denominada como “Ribeirão da Mutuca” foi recebida como doação, por Leopoldino Alves da Costa. Já a região da sesmária “Mata Cavalos” foi vendida ao negro alforriado Marcelino Paes de Barros. Ambos se tornaram, naquele momento, pequenos proprietários de terras na região de Nossa Senhora do Livramento, no estado de Mato Grosso.

Barcelos (2011) afirma que esta comunidade é proveniente da Sesmária Mata Cavalo, por meio de compra e doação. A transferência de posse teria sido registrada no dia 15 de setembro de 1883, no cartório de Nossa Senhora do Livramento, aos que anteriormente foram escravos de dona Anna da Silva Tavares e seu esposo. Este documento comprobatório sumiu misteriosamente no ano de 1890, mesmo ano em que a antiga proprietária das terras faleceu. A veracidade desta cessão de propriedades foi possível de ser verificada em outros processos que constam no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso e no Instituto de Terras de Mato Grosso (INTERMAT):

Mata Cavalo foi reconhecido como quilombo e titulado pela Fundação Cultural Palmares com uma área de 11.722 hectares de ocupação tradicional por famílias descendentes de negros escravizados, ou “remanescentes”, como eles se autodenominam. Uma regularização federal transferiu ao INCRA a competência para a demarcação dos territórios quilombolas [...] Mas o reconhecimento é apenas formal, porque na realidade eles não têm acesso aos recursos naturais dos quais dependem para a sua reprodução sociocultural (Barros, 2007, p. 3).

Na condição de libertos, os receptores da doação e compra das terras deveriam



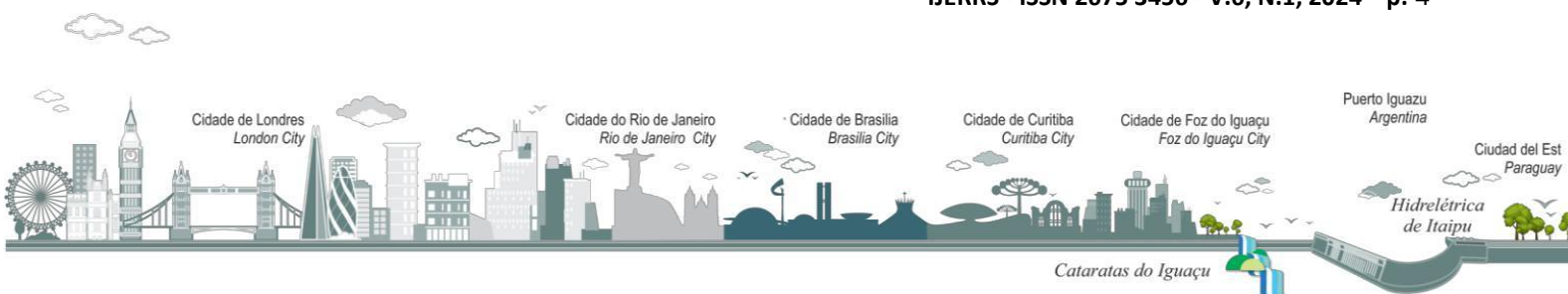


usufruir normalmente do espaço com as devidas prerrogativas legais, e poderiam permanecer cultivando aquele solo, retirando seu sustento e legitimando seus hábitos ancestrais, em sua habitação original. Contudo, as circunvizinhanças desta comunidade, motivadas pelo racismo e preconceitos diversos, mobilizaram uma ação judicial para expulsar os quilombolas, a princípio sem obter êxito. Iniciaram as diversas tentativas de expropriação destas terras, por meio de ameaças. Parte dos moradores do quilombo, não suportando as ações de violência, se retirou do local e foi procurar refúgio em regiões próximas (Barcelos, 2011).

Nos estudos de Silva e Jaber-Silva (2014), as primeiras modificações acerca da formação deste quilombo foram marcadas por um longo período de perseguição, humilhação, prisão e expulsão. Os fazendeiros realizaram violentas grilagens para expandir suas propriedades e sobrepor sua especulação imobiliária aos direitos da população que já residia na região, em busca, sobretudo, das fartas jazidas de ouro. A ganância desmedida e a sede de poder acabaram por cercear os direitos dos quilombolas sobre a terra e, sobretudo, desarticulou o movimento coletivo de subsistência já estabelecido, onde a diáspora tornou-se, naquele momento, a única solução para fugir da violência e da morte.

As invasões no quilombo acabaram se intensificando ainda mais a partir do ano de 1942, sob o argumento de cobranças de dívidas injustificáveis. Alguns quilombolas, por necessitarem de produtos de uso cotidiano, acabavam comprando “fiado” de um fazendeiro, que inicialmente aceitava o escambo com itens cultivados na terra. Ao perceber a dependência da população e a potencialidade de lucrar indevidamente com bens de consumo que eram restritos a quem tinha acesso ao comércio externo ao quilombo, este passou a exigir a entrega de terras como pagamento, propondo acordos injustos, onde algumas áreas de considerável extensão se tornaram a única forma de pagar pequenas dívidas. Há relatos de débitos irrisórios sendo pagos com a entrega de 40 hectares de terras quilombolas, e de compras indevidas de terras da região, pelo antigo prefeito de Nossa Senhora do Livramento, o fazendeiro Manoel Monteiro da Silva (Silva; Jaber-Silva, 2014).

Contudo, na medida em que as dificuldades de acesso e permanência destas terras foram se intensificando, os movimentos de resistência também foram se constituindo. Inicialmente de forma tímida, as lutas se fortaleciam conforme a articulação coletiva da comunidade. A cada violência sofrida, alternativas de sobrevivência eram reorganizadas.





Os estudos de Barcelos (2011) ressaltam algumas regiões deste quilombo, como grandes focos de resistência, a exemplo da associação da “Mutuca”⁴. Após a perda de roças por meio de queimadas criminosas realizadas por fazendeiros, os homens da comunidade começaram a se deslocar em busca da extração de ouro e de novas oportunidades de trabalho, em outras regiões. Tanto a permanência, quanto o deslocamento, só seria possível em pequenos grupos, que acabaram se fortalecendo pelo sentimento de solidariedade e a retomada de atividades sociais coletivas nos cuidados domésticos, na divisão dos alimentos, no trabalho da roça e nas expedições para encontrar fontes alternativas de renda.

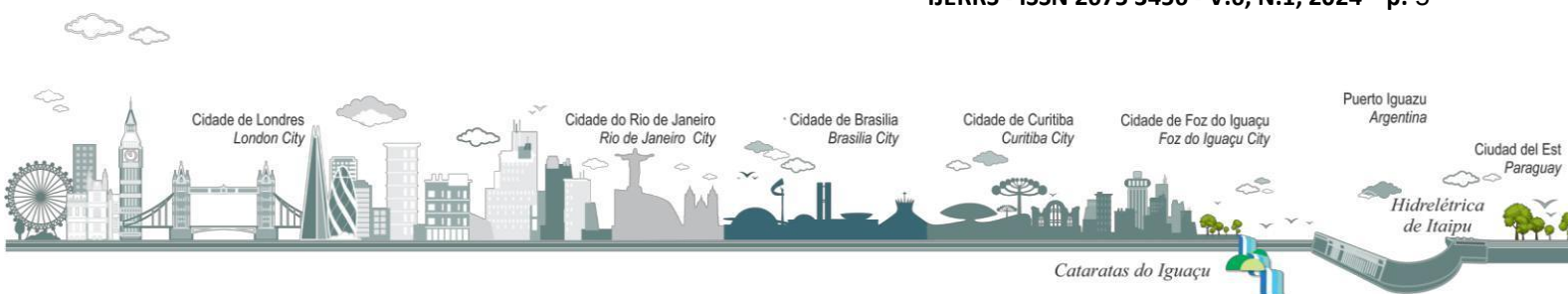
Como resultado desta articulação e das rodas de diálogos, foram desenhadas as primeiras reuniões que antecederiam as reivindicações das associações de moradores, e um importante movimento em busca do direito ao ensino escolarizado, como uma das possibilidades de ascensão social e econômica. As primeiras escolas próximas à Mata Cavalo ficavam na região de Nossa Senhora do Livramento, mas as crianças quilombolas não tinham acesso livre às salas de aula. Além disso a distância impedia o deslocamento diário e a realização dos estudos de forma regular.

Diante disso, uma das mais antigas famílias da comunidade se mobilizou para fundar uma escola em Mata Cavalo, no ano de 1944, contando inicialmente com professoras de Nossa Senhora do Livramento. Em 1950 entrou em atividade a primeira professora quilombola, que ofereceu o quintal de sua casa para ser utilizado como espaço escolar. Tereza Conceição de Arruda, na ocasião foi remunerada pela prefeitura, mas sua sala de aula não foi reconhecida pelo Estado, o que representa mais uma das formas de destituir e desarticular a educação, neste quilombo (Manfrinate, 2011; Moreira, 2017).

Um movimento de rearticulação aconteceu nas décadas de 1950 e 1960, com o retorno dos descendentes de negros escravizados para a região de Mata Cavalo, por meio de compra e invasão de terras em áreas periféricas, sem documentação legal, acirrando as recorrentes disputas de terras com os fazendeiros da região (Barros, 2007).

Para que os quilombolas permanecessem em seu território de origem, foi inevitável a intensificação dos conflitos. Nos idos da década de 1980, ainda não havia se constituído a

⁴ Conforme foi citado anteriormente, Mutuca é uma das seis associações que compõem o Complexo Quilombola de Mata Cavalo.



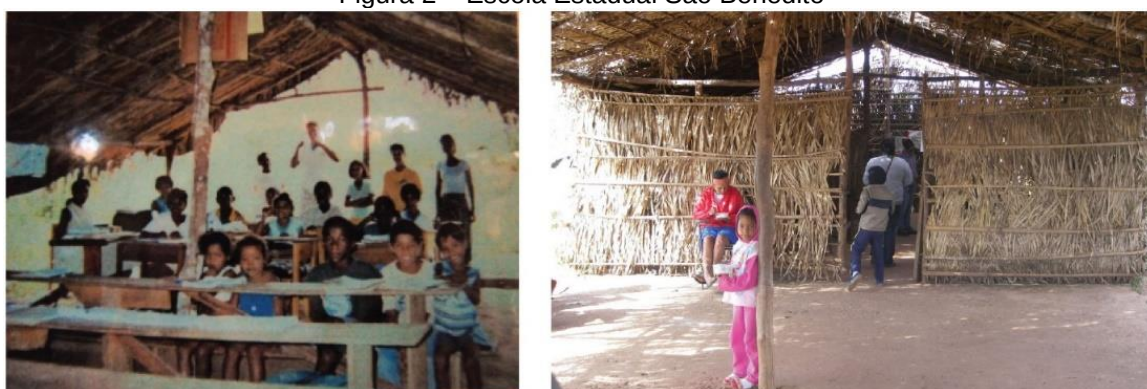


associação dos moradores de Mata Cavalo, sem a articulação política necessária, para fortalecer a luta pelos direitos da comunidade. Muitos dos que já possuíam terras por direito, precisaram comprar novamente seus títulos, para permanecer na região. Aos que não tinham condições financeiras para a compra, restou o estabelecimento em outros locais.

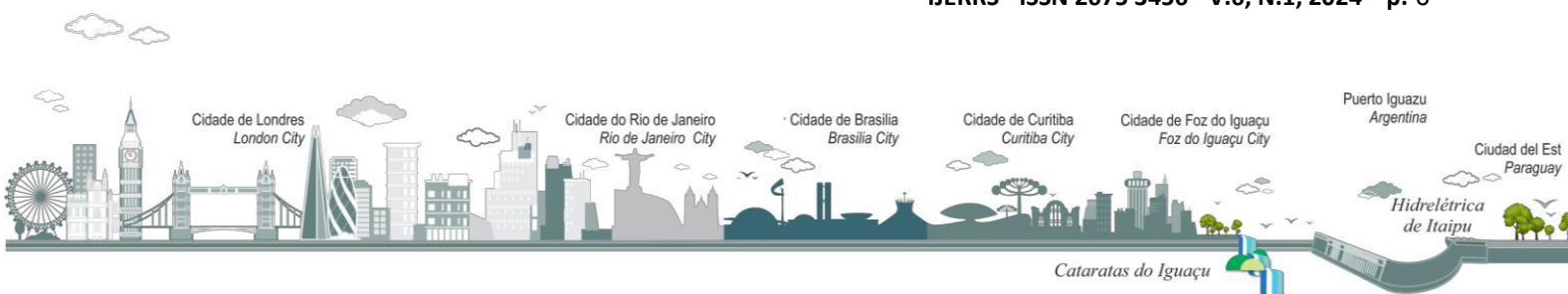
Em busca de resistir e permanecer existindo em seu território, de forma a se fortalecer coletivamente, o ensino escolarizado foi ganhando força e se estabeleceu um importante movimento de articulação política, mesmo com algumas interferências que acabavam legitimando o poder hegemônico. No ano de 1983, foi fundada a “Escola Afonso de Campos Maciel”, um importante polo do ensino escolarizado. Apesar ter sido estabelecida em terras quilombolas, recebeu essa denominação em “homenagem” a um fazendeiro da região) (Silva; Jaber-Silva, 2014).

Já em 1994, um significativo comboio marcou um forte movimento de resistência, para o retorno de um grupo de quilombolas a uma localidade denominada de “Simão”, sendo conduzida por Seo Cesáreo, um importante líder que havia na região (Sato et al., 2010). Na mesma década, em 1996, mais uma mobilização política marcou a história desse povo, com uma articulação junto aos trabalhadores sem-terra, no entendimento da necessidade de requerer de volta as terras quilombolas de direito, e não mais as pequenas porções de terra que eram solicitadas sob o formato de assentamentos rurais. Consolidando este ano histórico de intensa luta da comunidade, foi fundada a Associação de Moradores de Mata Cavalo e a “Escola Municipal São Benedito” (Figura 2).

Figura 2 – Escola Estadual São Benedito



Fonte: Créditos da imagem do arquivo da comunidade e Ronaldo Senra (2009).





Nas imagens acima é perceptível a simplicidade da estrutura deste espaço escolar, que agregava os estudantes das mais diferentes idades e níveis de conhecimento no mesmo local. Esta importante articulação e socialização nos arredores da escola foi de fundamental importância no fortalecimento deste grupo, sob a forma de acolhimento das crianças em seu próprio território, fortalecendo o conhecimento tradicional com o repasse dos conhecimentos dos mais velhos aos mais jovens da comunidade, a exemplo da utilização da palha proveniente da vegetação nativa da região na elaboração da estrutura física da escola, acessando a bagagem da cultura ancestral quilombola e a valorização dos elementos da natureza.

O ano 2000 foi marcado pelo reconhecimento e titulação do Quilombo de Mata Cavalo na Fundação Cultural Palmares (Barros, 2007). No entanto, este reconhecimento se limitou apenas à formalidade, pois as práticas cotidianas permaneceram enfrentando sérias dificuldades e a posse definitiva destas terras ainda não aconteceu, pois até a atualidade a regularização fundiária e a documentação definitiva ainda não foi expedida junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) (Moreira, 2017).

Foi fundada no ano 2002 a “Escola Municipal Rosa Domingas”, na associação “Mutuca”, uma das regiões em que as articulações de resistência quilombola tem se fortalecido há bastante tempo. A edificação desse espaço físico só foi possível com o financiamento de uma Organização Não Governamental (ONG) internacional e a mobilização da comunidade, pois não recebeu nenhum investimento do poder público (Senra, 2009).

Devido a condições inadequadas de atendimento, a “Escola Estadual São Benedito” foi interditada no ano de 2007 e os estudantes foram direcionados à “Escola Municipal Rosa Domingas”, sendo esta a única unidade educacional do quilombo, até que em 2012 foi inaugurada a “Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda” (Figura 3), com recursos da Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso, contando com uma estrutura adequada e uma localização mais centralizada, com relação às demais escolas que se instalaram ao longo da história de Mata Cavalo.

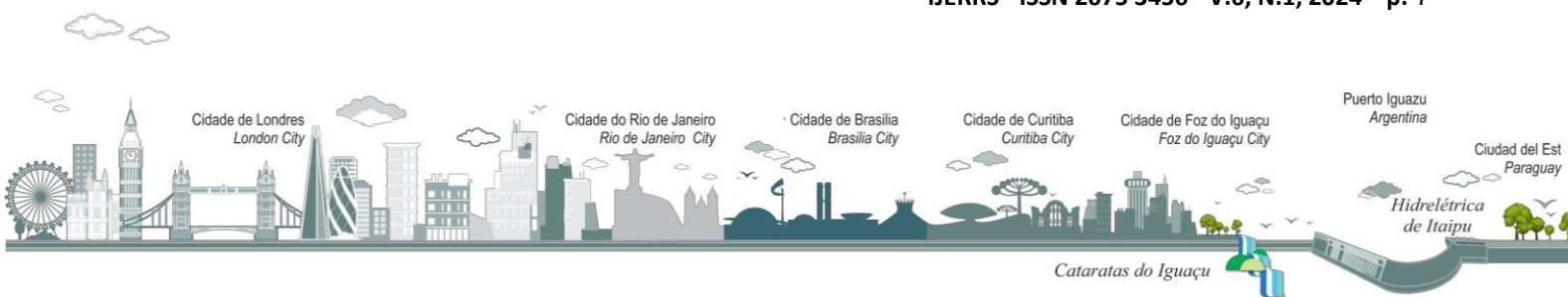




Figura 3 – Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda



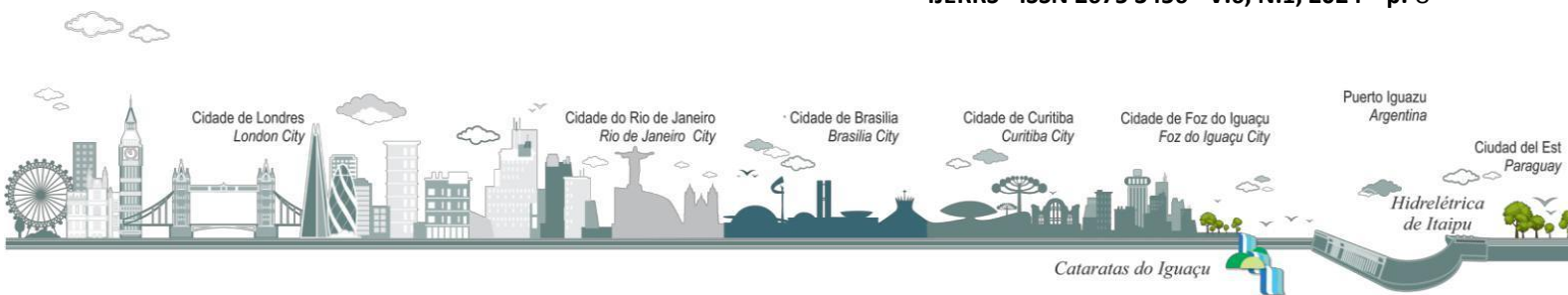
Fonte: Créditos da imagem de Cristiane C. A. Soares (2017).

Esta é a atual escola de Mata Cavalo, até o momento da publicação deste artigo. Recebeu o nome da primeira professora deste quilombo e permanece sendo o polo da educação escolarizada. É o local onde acontecem as festas, feiras, apresentações culturais, cursos profissionalizantes, reuniões das associações e momentos de formação política, evidenciando que educação popular permeia este espaço e fortalece as ações de resistência desta comunidade.

Enfrentaram a COVID-19 com perdas irreparáveis e o adoecimento de uma parte considerável da população. Com o atraso ao acesso gratuito aos equipamentos de segurança individuais e às vacinas, sofreram para se manterem em isolamento social e garantir condições de sobrevivência, pois sua força para resistir aos embates socioambientais sempre esteve fundamentada na articulação coletiva.

Mesmo após o retorno às atividades presenciais na escola, a evasão foi significativa e muitos estudantes optaram por garantir a renda familiar, abandonando a escola. Após um período de grandes dificuldades em acessar os estudos, estes jovens têm enfrentado desafios na adaptação ao “novo ensino médio”, mesmo com a implantação de disciplinas eletivas relacionadas à cultura quilombola.

Diante deste panorama da atualidade e de um histórico de embates para a garantia do direito dos quilombolas, há que se amplificar as vozes dos que tentaram ser silenciados, pois o fortalecimento da educação popular e a luta pelo direito à ocupação e permanência dos quilombolas em Mata Cavalo, têm uma profunda relação com a educação ambiental, sob uma dimensão crítica e dialógica.





FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

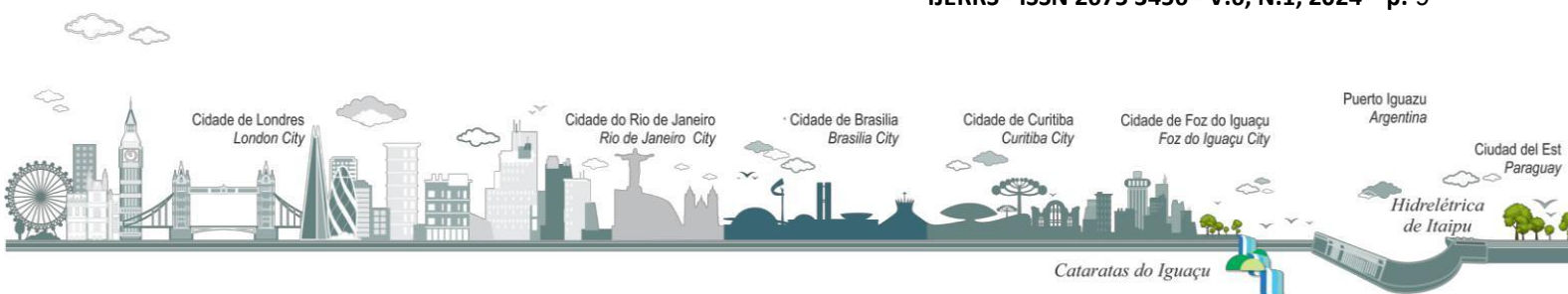
A comunidade quilombola de Mata Cavalo luta há mais de um século, pela conquista e posse definitiva de seu território. Este local rico em cultura e biodiversidade foi amplamente explorado pelo poderio colonial e atualmente, sofre o processo de exploração proveniente dos interesses econômicos das classes hegemônicas, que frequentemente desapropria ou limita o direito de permanência dos moradores originais na região.

Neste local, residem pessoas que resistem à margem da sociedade, lutam pela preservação da natureza, de sua identidade e conquista definitiva de seu território, onde florescem seus saberes e fazeres. Enfrentando o racismo estrutural (Almeida, 2018), vitimados pelo poder hegemônico das políticas excludentes, permanecem combatendo invasões de fazendeiros, perdendo meios de subsistência para as monoculturas do agronegócio, para a poluição dos rios e outros prejuízos ambientais que desencadearam o colapso climático atual.

Assim como outros grupos e comunidades tradicionais, os quilombos têm sido ainda mais excluídos pelas esferas políticas brasileiras. Sofreram prejuízos irreparáveis durante os quatro anos de um governo genocida, o qual culminou com a pandemia da COVID-19 que prejudicou com maior intensidade, este e outros grupos em situação de vulnerabilidade.

Todo o percurso dos quilombolas de Mata Cavalo até as circunstâncias vividas na atualidade, ressaltam ainda mais o que Almeida (2018) descreve como uma das piores heranças culturais brasileiras: a inferiorização e a subalternização dos que vieram ou descendem do solo africano, proveniente do processo de escravidão do Brasil no período colonial, desumanizando e negando histórias de vida dos que fazem parte de uma das nossas mais importantes raízes culturais.

Desde modo, compreendemos ser de suma conveniência o debate acerca da sustentação de um modelo de “democracia racial” brasileiro, estabelecendo e enraizando o racismo em nossa cultura. Como forma de supremacia, ficou legitimado o domínio do estereótipo europeu e do modo de vida proveniente dos países que nos colonizaram, exigindo da população negra a obediência e “gratidão” pela oportunidade de termos sido “civilizados” (Nascimento, 1978).





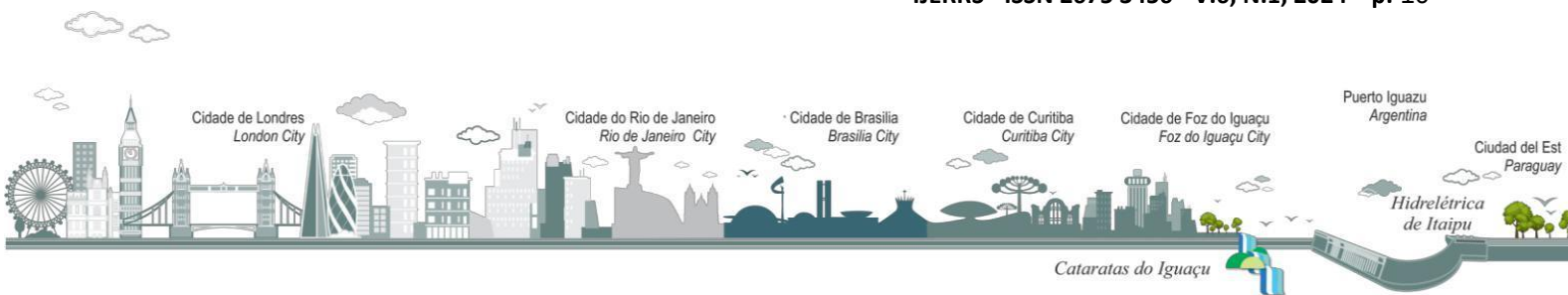
Embora os mecanismos do racismo estrutural (Almeida, 2028) impere no solo quilombola, há que se ressaltar que a cultura e suas diversas manifestações, está intimamente ligada à preservação ambiental, como uma das táticas de resistência para o enfrentamento de conflitos e a defesa do território (Soares, 2018).

Tendo como objetivo a compreensão dos desafios da adaptação dos jovens quilombolas ao “novo ensino médio”, recentemente se recuperando do isolamento social ocasionado por um período de pandemia, elencamos algumas táticas adotadas pela escola quilombola, para promover a continuidade dos estudos e combater a evasão escolar, que, concomitantemente, buscou fortalecer as relações indissociáveis entre a cultura e a natureza.

METODOLOGIA

O Mapa Social foi a metodologia privilegiada na construção deste diálogo de saberes. Por meio de entrevistas individuais e oficinas de mapeamento social da cultura de Mata Cavalo, foi possível reunir as percepções acerca das lutas que os estudantes, professores e comunidade escolar enfrentam para permanecer persistindo na continuidade aos estudos e na partilha de conhecimentos tradicionais, amplamente presentes na educação popular que circula por todos os espaços da comunidade. Por meio de mapeamentos de manifestações culturais nas dimensões dos marcos históricos, expressões artísticas, comidas típicas e festas, as lutas e desejos dos quilombolas foram evidenciados, e o chão da escola tornou-se o ponto de partida para impulsionar voos e esperanças de uma vida melhor e uma sociedade mais justa e acolhedora.

O aporte bibliográfico presente neste texto, consubstancia-se em pesquisadores que entendem a educação popular como um dos elos de conexão indissociável entre a cultura e a natureza, onde a amplificação das vozes quilombolas são tão importantes quando os documentos históricos. Compreendendo a educação ambiental sob a dimensão da emergência climática, atribuímos a responsabilidade pela degradação da natureza aos seres humanos, em especial os que mais lucram com a exploração dos grupos sociais em situação de vulnerabilidade.





RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diversos documentos históricos, publicações acadêmicas, laudos antropológicos e sobretudo, as narrativas dos quilombolas, denunciam locais e vestígios dos tempos da escravidão, legitimando quem são os verdadeiros proprietários deste território. Estas localidades foram consideradas importantes na região, por ter grande representatividade na luta quilombola. Revelam a importância da recordação trazida pela comunidade, validando a herança cultural das histórias contadas que perpassam gerações, enfatizando o inestimável valor da coletividade, do pertencimento e da manutenção da identidade quilombola.

Entretanto, os prejuízos socioambientais afetam todos os aspectos que se relacionam com a subsistência desta comunidade e consequentemente, dificultando ou negando o acesso às riquezas naturais da região. Sendo a pecuária, a suinocultura e a agricultura de subsistência as principais atividades econômicas do quilombo, percebe-se que a escassez de água com qualidade para o consumo, em uma região amplamente banhada por rios e córregos, reflete impactos profundos causados por períodos prolongados de garimpagem, causando erosões profundas e inutilizando recursos hídricos, por conta da contaminação de mercúrio (Barros, 2007). A limitação do uso da água acaba se tornando uma das razões da evasão dos quilombolas, que não podem mais viver da pesca, e acabam buscando formas de sobrevivência em outras regiões.

Conforme o relato das professoras, dentre as particularidades da escola quilombola, atualmente são ministradas disciplinas que trabalham a realidade do quilombo, sendo elas: Tecnologia Social (TS), que busca trazer o desenvolvimento de técnicas para resolver problemas sociais com baixo custo; as Práticas Culturais e Artesanato Quilombola (PCAQ) que contextualizam e ensinam o artesanato típico quilombola; e as Práticas Agrícolas Quilombolas (PAQ) que tratam do cultivo da terra por meio da agricultura e a valorização das ervas nativas da região. Após o período de isolamento social em decorrência da pandemia da COVID – 19, foi reativada a horta (Figura 4) dentro da escola, recebendo a manutenção dos estudantes, e contribuindo para enriquecer a merenda escolar.

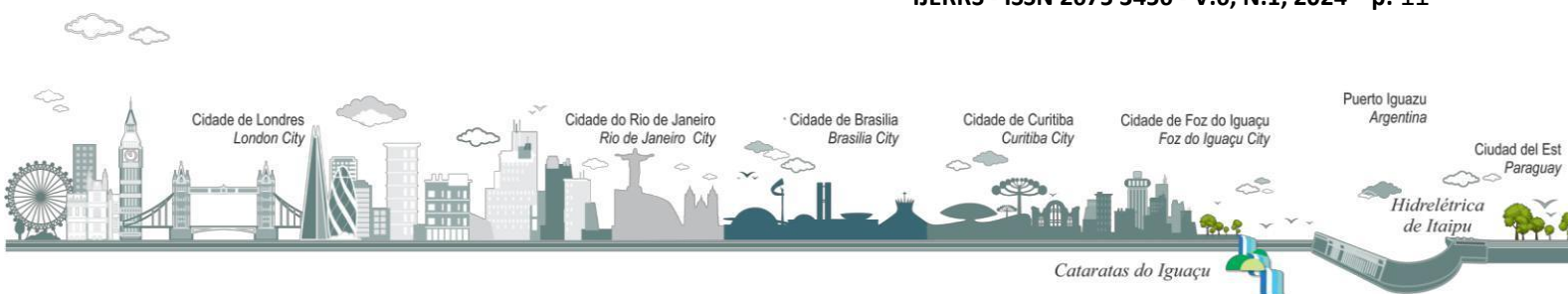




Figura 4 – Horta da escola quilombola



Fonte: Crédito da imagem de Cristiane C. A. Soares (2022).

Conforme os relatos da equipe gestora no ano de 2022, no contexto desta escola quilombola, acontecem atualmente os seguintes projetos:

No aspecto das ciências, o “Projeto Horta quilombola” também faz parte de um dos projetos da escola, e oferece variedades alimentícias e medicinais (contando com a manutenção dos estudantes da escola), havendo também uma vertente que é denominada como “Cultivo de árvores frutíferas e ornamentais do cerrado matakavalense”.

Na área de literatura há o “Projeto de Leitura” (ressignificando a história de “Chapeuzinho Vermelho” para “Chapeuzinho Afro”; promovendo a releitura da celebração do dia 13 de maio (“Libertação” dos escravos) e a proposta da “Literatura infantil”.

Nas artes, acontece o projeto de “Dança Afro” (com o Grupo de Dança “Heranças de Tereza”); com aulas da “Dança do Siriri” (com meninos e meninas do ensino fundamental e médio); “Dança do Congo” (com meninos até o sétimo ano do ensino fundamental) (Figura 5).

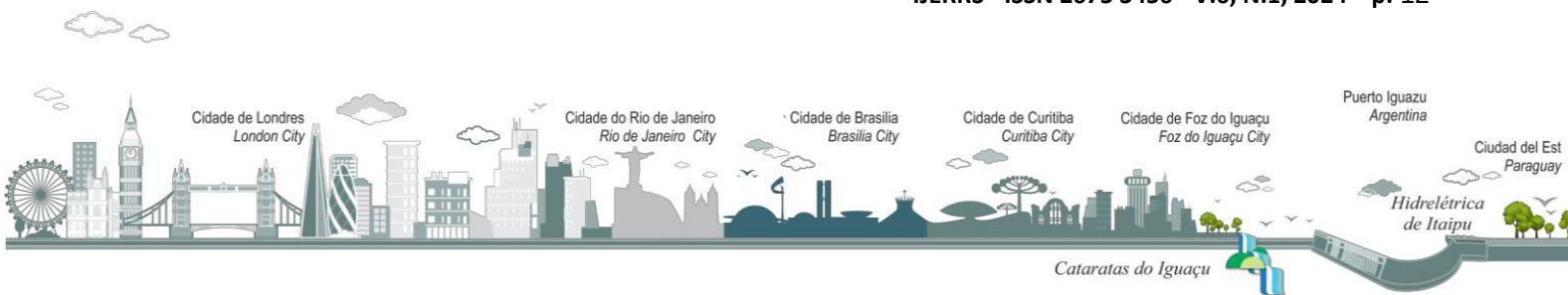
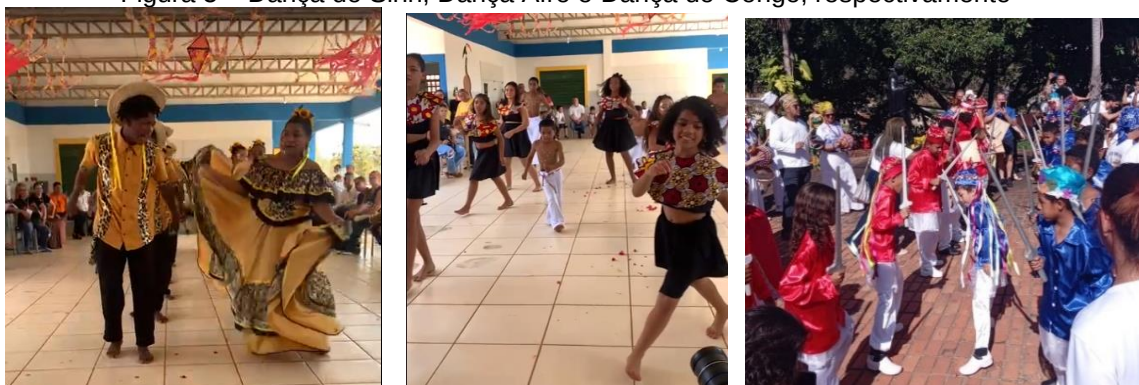




Figura 5 – Dança do Siriri, Dança Afro e Dança do Congo, respectivamente



Fonte: Crédito da imagem de Adrianny Abreu e Cristiane C. A. Soares (2022).

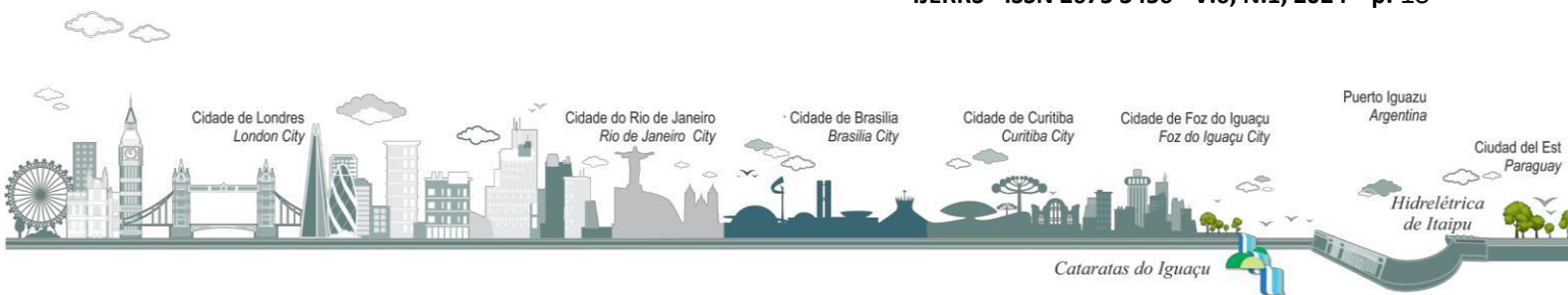
Há também o Projeto “Revirando memórias Quilombolas” (que culminou com a IV Feira Cultural de 2022); e o projeto “Figuras que marcam, cores que alegram” com pinturas de personalidades negras e símbolos africanos na parede da escola, pintados pelos estudantes e professores, que enriquecem a fachada, os entornos e interiores da escola (Figura 6).

Figura 6 – Pinturas das paredes da escola, no ano de 2022.



Fonte: Crédito da imagem de Cristiane C. A. Soares (2022).

Com relação à implementação do “Novo Ensino Médio”, as professoras e gestoras da escola relatam que é conduzido em conformidade com a cultura e história quilombola. Eles partem do conhecimento prévio que o estudante já tem e são inseridos nos temas e disciplinas, tudo relacionando com os saberes tradicionais. Por exemplo, se o tema é Química, as práticas podem envolver a confecção de sabão artesanal. Se for citada a culinária quilombola, a aula poderá ser sobre o pilão, para confeccionar a paçoca de carne. Não só a prática nos moldes tradicionais, como a história deste artefato, suas referências históricas e geográficas (que regiões utilizaram e ainda utilizam, como era usado pelos ancestrais quilombolas, dentre outros





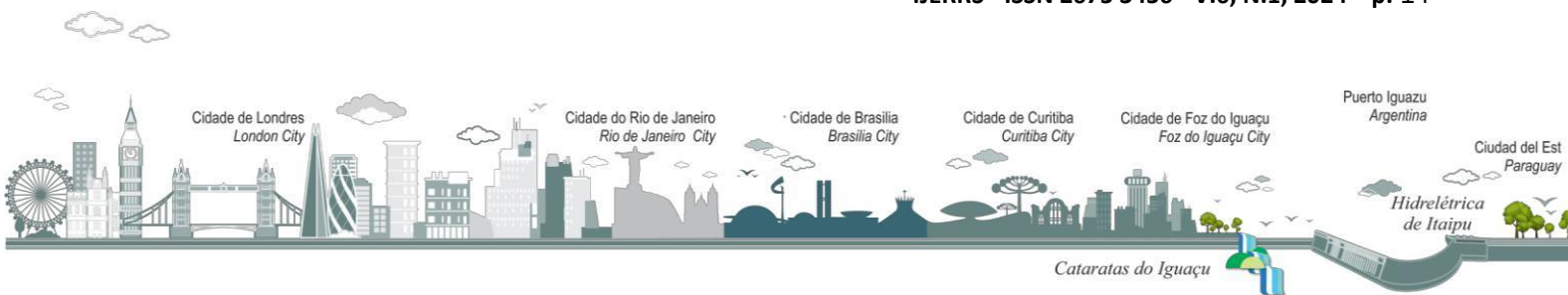
aspectos); em Matemática, as formas geométricas: como calcular o volume do pilão, por exemplo. As rodas de conversas são frequentes, relacionando os conhecimentos ao cotidiano, incluindo os conteúdos do livro didático à vivência na comunidade.

Sobre a implementação do “Novo Ensino Médio”, ainda está em debate, por ser algo novo. Ainda está sendo postergado, embora as conversas com professores, estudantes e equipe gestora, já estejam acontecendo. As discussões são constantes, pois a cada momento, chegam informações diferentes. O início da implantação já ocorreu somente com o primeiro ano do ensino médio, e a equipe gestora ficou apreensiva e com muitas dúvidas, pois os cursos e formações ainda são muito recentes.

É percebido que os estudantes, de forma geral, apresentaram melhoras na parte da comunicação. Nos “Projetos de vida”, se discutem diferentes temas, sempre voltando à perspectiva da cultura quilombola, do povo negro, mas ainda em um processo novo e gradual. A grade curricular das disciplinas eletivas foi incluída em substituição a algumas aulas dos conteúdos escolares tradicionais, para que se mantivesse a priori, apenas um período de estudos (no caso o turno vespertino). A partir de 2023, existe a possibilidade de abranger outras turmas e ampliar a carga horária para o período integral. Até o momento, a adaptação ao novo está sendo difícil, especialmente pela redução do tempo de estudos dedicado às disciplinas elementares para o preparo das provas do ENEM, especialmente após um prejudicial período de pandemia.

Neste contexto, parte-se do princípio de que esta não é uma simples escola “no quilombo” e sim, “do quilombo”. Há um sentimento de pertencimento no contexto escolarizado, incluindo a identidade, cultura e história do povo negro quilombola. Embora aconteça o atendimento de estudantes não quilombolas, todos são convidados a participar, respeitar e aprender sobre a cultura e a história, e este é o grande diferencial deste espaço escolarizado. O trabalho com a cultura tradicional leva em consideração o modo de vida do estudante, suas perspectivas histórias, lutas, escutando e acolhendo as famílias deles.

O novo modelo do Ensino Médio está procurando incluir ao máximo as especificidades regionais e os temas estão sempre relacionados à comunidade. Os seminários escolares por exemplo, costumam abordar temáticas sobre os negros, a cultura e história quilombola, e se adaptam ao estilo de trabalho do contexto de uma comunidade tradicional.





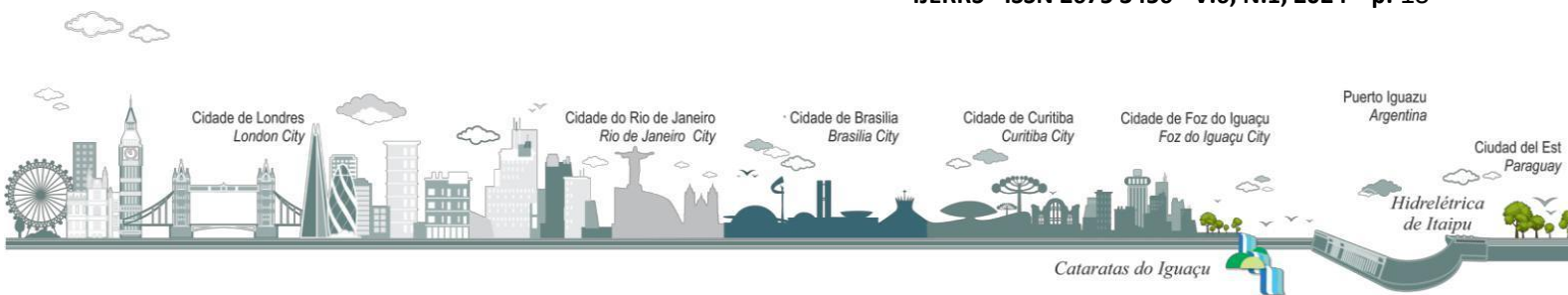
Os maiores desafios envolvem o empenho em evitar a limitação do pensamento dos estudantes, especialmente na escolha das disciplinas eletivas, que estão organizadas por áreas do conhecimento, pois cada aluno tem um tipo de inteligência. Se às vezes falta habilidade com Matemática, há interesse e talentos relacionados às Artes Visuais (pintura, artesanato), conhecimentos agrícolas, ciências e saberes quilombolas, escrita, interpretação de texto etc.

Por existirem vários tipos de profissões, a formação precisa ser abrangente e isso precisa ser valorizado. Pelo fato de os estudantes serem diferentes e possuírem habilidades diferenciadas, muitas vezes, a nova proposta do Ensino Médio pode desestimular o interesse por algumas áreas. Embora se trabalhe nos “Projetos de Vida” o protagonismo juvenil, alguns estudantes são tímidos e sentem-se inibidos e pressionados a cumprirem as novas exigências, que até o momento, eram muito distantes de seus cotidianos. Por exemplo, a apresentação de seminários e projetos, podem prejudicar os mais retraídos, afastando-os do contexto escolar. A nova proposta não abrange a todos, mas os professores tentam adaptar à realidade dos estudantes quilombolas. Alguns sentem-se desconfortáveis para falar em público, por exemplo, e essas inibições não condizem com o contexto de acolhimento, que é tão característico desta escola quilombola.

As disciplinas que compõem o “Novo Ensino Médio”, na atualidade, são: Eletiva de Artes; Eletiva de Língua Portuguesa; Eletiva de Matemática; Eletiva de Ciências Humanas e Eletiva de Ciências da Natureza. Existe uma dificuldade em trabalhar os conteúdos específicos destas áreas, visto que estas exigem um tipo de qualificação específica, para o sucesso da abordagem a que se propõe. Por falta de formação para professores, geralmente estas disciplinas são ministradas por profissionais que não são experientes nos temas propostos, e acabam incorporando em sua carga horária, por uma questão de complemento salarial.

Com relação às consequências da pandemia na escola de Mata Cavalo, é importante ressaltar que o ensino híbrido foi complicado, pois a internet é limitada nesta comunidade. As plataformas utilizadas para o acesso às aulas exigiam conexões de qualidade, e isso não é a realidade da maioria dos estudantes quilombolas e dos professores.

Para suprir essa deficiência, as aulas foram organizadas em apostilas, para os estudantes. Mas a pandemia surgiu, trazendo outros tipos de preocupações: a doença, a fome e a insegurança. Até mesmo a merenda escolar, que representava a base ou o complemento





da alimentação dos estudantes, deixou de ser oferecida. Além disso, por terem ficado muito tempo em casa, alguns jovens começaram a trabalhar na pandemia. Quando as aulas eram apostiladas, existia a possibilidade de conciliar o trabalho com os estudos. Mas quando as aulas presenciais voltaram, muitos estudantes não quiseram voltar a estudar, por terem conseguido obter remuneração com seus trabalhos, o que ocasionou evasão escolar.

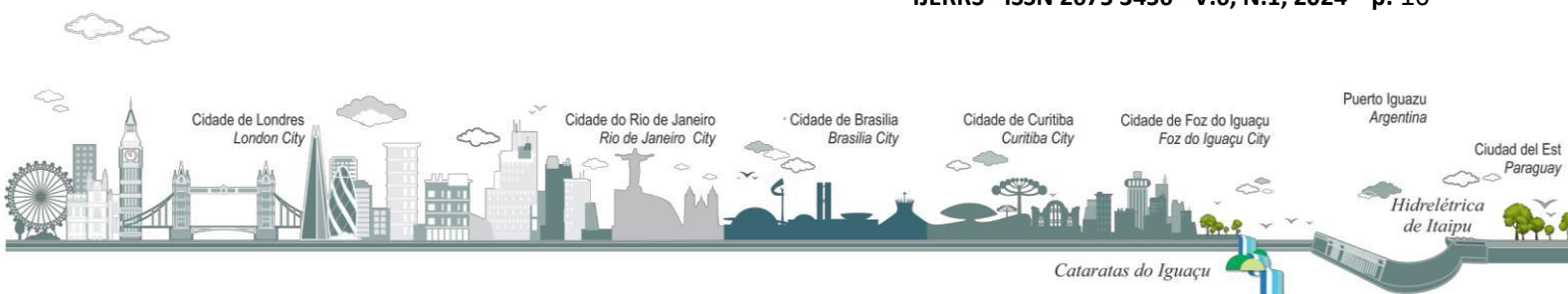
A equipe gestora procurou oportunizar trabalhos diferenciados, para atrair de volta os estudantes, mas nem sempre eles têm a consciência de que um trabalho eventual não garantirá melhores condições de vida a eles, a longo prazo. Em alguns casos o fornecimento dos kits alimentação, deixou famílias acostumadas a receberem os alimentos e acumular outras fontes de renda, provenientes de outros trabalhos. Com o retorno às aulas presenciais, tudo isso deixou de acontecer. Além disso, o falecimento e adoecimento de membros da comunidade, em muitos casos os que promoviam o sustento, abalou muitas famílias.

Depois do período de isolamento social, as crianças retornaram mais dependentes de celular, internet, da aprovação “do outro”, com problemas de automutilação, violência doméstica, abusos, entre outras situações prejudiciais, gerando várias crises na vida dos estudantes. Se, para os adultos foi difícil, para os jovens foi ainda mais complicado lidar com as angústias da vida.

O atraso no aprendizado será muito difícil de reverter, por mais que a equipe escolar se esforce. Ainda mais os estudantes do Ensino Médio, perderam muito conteúdo, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental. Nem sempre as famílias incentivaram os estudos, o que ainda mais complicado de ser realizado de forma independente, disciplinada ou sem um auxílio frequente do professor. Alguns até “desaprenderam” habilidades, sentindo dificuldades para realizar pequenas leituras.

Contudo, as oficinas de Dança Afro e danças tradicionais mato-grossense, embelezamento afro, dentre outras propostas diferenciadas, os muxiruns (reunião da comunidade para ajudar nos eventos e projetos) tornaram-se oportunidades de motivação para os estudantes novamente se reunirem, após um longo período de isolamento social.

Existe também um projeto de esportes, que leva os estudantes a conhecerem modalidades esportivas fora da escola, levando-os a participar de jogos fora do estado. Se não fossem os projetos e atividades diferenciadas, a evasão seria ainda maior. A implantação





do Grêmio Estudantil também tem incentivado o diálogo dos estudantes com a escola e a com a comunidade.

Os professores também acabaram sentindo-se motivados com os resultados dos projetos e atividades diferenciadas. Ver os estudantes preparados e estudando para ingressar nas universidades e institutos federais, buscando atuação profissional em suas áreas de interesse, tem sido muito motivador.

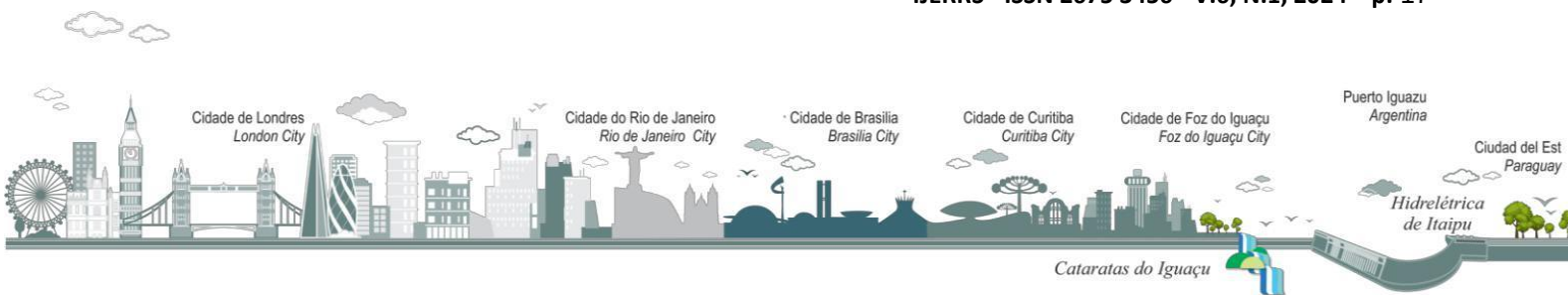
A escola não se dissocia das associações de Mata Cavalo. Todas as articulações, cursos, eventos, reuniões, acontecem na escola. A comunidade escolar participa muito e se beneficia do espaço e dos conteúdos compartilhados. As lideranças religiosas também articulam ações neste local. As feiras e eventos acabam gerando oportunidade de renda às famílias, com a venda de artesanato, comidas e outros itens. Após o fim do isolamento social, algumas atividades já voltaram à normalidade, movimentando novamente a economia matakavalense.

Há vários perfis de estudantes e os novos sempre são convidados a aprender. Todos são incluídos nos processos de aprendizagem, independentemente da cor, classe social ou etnia, promovendo o respeito à diversidade. O debate às novas realidades, histórias e visões diferentes, promovem a interação e a aprendizagem. E as potencialidades e talentos são valorizados pelo perfil dos estudantes, promovendo a motivação da inteligência emocional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa trilha de aprendizagens e diálogos de saberes propostos por este artigo, que representa pequenos recortes de nossas pesquisas e vivências realizadas junto aos quilombolas de Mata Cavalo, tivemos a oportunidade de viajar no tempo, desde o momento em que este quilombo se constituiu, suas lutas por legitimação de posse de suas terras, compreendendo os inúmeros desafios como forma de motivação para permanecerem resistindo e avançando no fortalecimento do espaço escolarizado, como local de aprendizagem e articulação política.

Ao refletirmos sobre as perdas ambientais ocasionadas pelo colapso climático resultante do intenso processo exploratório, e as consequentes perdas culturais relacionadas à limitação ou ausência de elementos da natureza no cotidiano dos quilombolas, procuramos





evidenciar o quanto é indissociável a relação entre a cultura e a natureza. Em meio à preservação ambiental como tática de resistência, este povo permanece resistindo com sua cultura ancestral na escola e arredores, legitimando o desejo por visibilidade e dias melhores.

Após um período de grandes dificuldades em acessar os estudos, tanto os estudantes quanto os professores e gestoras da escola têm enfrentado desafios na adaptação ao “Novo Ensino Médio”, mesmo com a implantação de disciplinas eletivas relacionadas à cultura quilombola. Os caminhos de retorno ao ensino escolarizado após o isolamento social do período pandêmico ainda estão distantes de serem ideais, justamente por enfrentarem um sistema educacional que acaba ressaltando ainda mais as desigualdades entre os estudantes, oferecendo oportunidades reduzidas aos quilombolas, que acessaram a escola com muito mais dificuldades na pandemia, e necessitariam de maior reforço nas disciplinas que são decisivas para a preparação ao acesso às universidades públicas, gratuitas e de qualidade.

No entanto, as intensas mobilizações para oferecer acesso às aulas, projetos e atividades que fortalecem a cultura são perceptíveis em todos os cantos da escola, que, muito além de oferecer o ensino escolarizado, é o ambiente que estimula o fortalece as lutas dos quilombolas por sua permanência e melhores condições da luta por melhores condições de vida e de sonhos para um futuro melhor.

REFERÊNCIAS

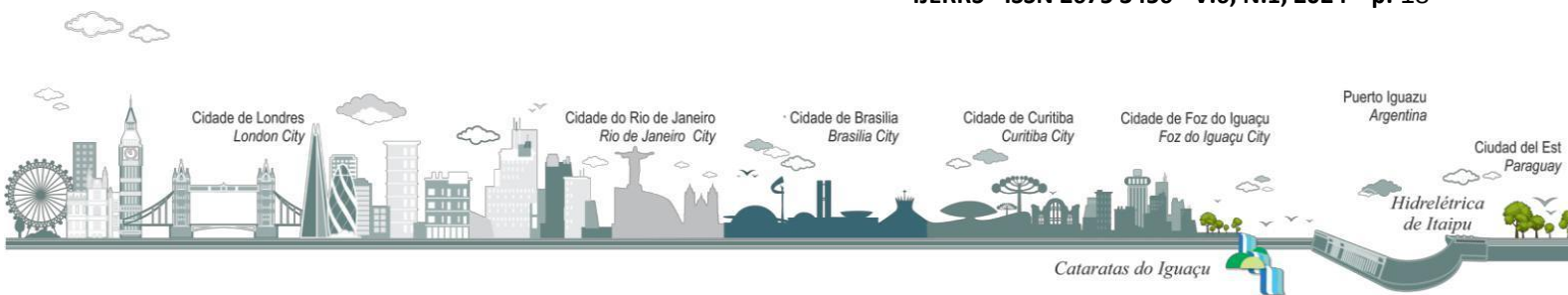
ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BARCELOS, Silvânio Paulo de. **Quilombo Mata Cavallo: terra, conflito e os caminhos da identidade negra – Brasil.** 2011. 221 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2011. Disponível em: <http://ppghis.com/ppghis/index.php/editais/download/5->

BARROS, Edir Pina de. **Laudo Pericial Histórico-antropológico.** Mato Grosso: Justiça Federal, 2007.

MANFRINATE, Rosana. **Histórias femininas: poder, resistência e educação no Quilombo de Mata Cavallo.** 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: 2011.

MOREIRA, Déborah Luíza. **Território, luta e educação: dimensões pulsantes nos enfrentamentos dos conflitos socioambientais mapeados no Quilombo de Mata Cavallo.** 2017, 162f. Dissertação





(Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: 2017.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

SATO, Michèle *et al.* **Comunidade Quilombola de Mata Cavalo, Mato Grosso, Brasil**. Cuiabá: GPEA-UFMT, 2010. (Caderno Pedagógico).

SENRA, Ronaldo Eustáquio Feitoza. **Por uma Contrapedagogia Libertadora no Ambiente do Quilombo Mata Cavalo**. 2009. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: 2009.

SILVA, Regina; JABER-SILVA, Michelle. Metodologias e itinerários do mapeamento social da Comunidade Quilombola de Mata Cavalo, Mato Grosso, Brasil. *In: Encontro de Pesquisa em Educação da região Centro-Oeste - Anped*, 12., 2014, Goiânia. **Anais...**, Goiânia, 19 a 22 out. 2014. Disponível em: www.fe.ufg.br/nedesc/cmv/controle/DocumentoControle.php Acesso em: 08 nov. 2023.

SIMIONE, Roberta Moraes. **Território de Mata Cavalo**: Identidades em movimento na Educação Ambiental. 2008. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: 2008.

SOARES, Cristiane Carolina de Almeida. **Educação ambiental na comunidade quilombola de Mata Cavalo**: diálogos da arte, cultura e natureza. 2018. 193f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018.

